

Resignificações no festejar: aspectos sócio-culturais da festa de São Bartolomeu em Maragogipe-Bahia (1860-1937)

Fernanda Reis dos Santos, mestranda em História pela Universidade Federal da Bahia. e-mail:fernandaufba@gmail.com. Grupo de Pesquisa: Devoções Populares

A festa de São Bartolomeu é a manifestação religiosa mais celebrada da cidade de Maragogipe, localizada na região do recôncavo da Bahia. Sendo um momento em que os sujeitos constroem alianças, negociam conflitos, identidades e estratégias, bem como um domínio privilegiado para a sociedade se manifestar enquanto uma coletividade diferenciada, transmite e reproduz valores, atualiza estruturas de autoridade, num jogo de múltiplas legitimações. Este trabalho pretende estudar esse festejo para melhor entender a dinâmica deste município, pois, por meio da festa problematizaremos a estrutura social. Discutindo, a partir da documentação, especificamente nos jornais a construção da “maragojipanidade”, que inclusive obscurece a existência de outras práticas religiosas, ou seja, objetivamos buscar essa pluralidade de sentidos que os sujeitos atribuem à mesma festa, considerando as diferentes apropriações. Nessa perspectiva, nos interessa investigar como a crença na “Terra dos Memeus” acontece, visto que a entendemos na prática, no vivido religioso, que transcende a experiência institucional, considerando a complexidade das práticas religiosas, que não se reduzem, por exemplo, à vontade de controle do sagrado pela instituição. Nessa perspectiva, compreendemos, que a devoção se resignifica, sendo um elemento dinâmico¹.

Nesse sentido, a festa precisa ser pensada como um campo repleto de significações, onde se exprime com intensidade as dimensões dos papéis sociais, isto é, os sujeitos não ocupam da mesma forma os espaços, ou seja, há nessa rede relacional um conflito de natureza simbólica, no sentido de que os diversos grupos vão tentar se afirmar através de seus fazeres culturais, construindo suas representações, produzindo discursos e significados, num processo dinâmico de resignificação.² Isto é, a festa não deixa de ritualizar identidades etnicamente específicas, desempenhando também funções sociais, um instante privilegiado de explicitação dos dramas sociais e dos

¹ LONDOÑO, Fernando Torres. Imaginárias e devoções no Catolicismo Brasileiro. In: **Revista Projeto História: História e imagem**. n.21, São Paulo, p. 247-263. Novembro de 2000.

² CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras f (e)stas**. Campinas, São Paulo. Editora da Unicamp, CECULT, 2002.

impasses políticos, possuindo também uma tarefa pedagógica. Assim, a festa permite visualizar modelos de comportamento e de ação, ou seja, o universo hierarquizante. Assim, as formas de desfile e exibição revelam a ordem social, assim é preciso entender as festividades como ocasiões de profunda motivação político-social, onde se projetam múltiplas visões da realidade.

A construção da paróquia de São Bartolomeu ocorreu no século XVII (1640), significando templo sede da freguesia. Entre os anos de 1723/28, a Matriz de São Bartolomeu já devia estar em funcionamento, pois são desta época as sepulturas mais antigas encontradas na Igreja. E, em 1757, a Matriz já possuía todos os seus altares e ornamentos.³ Ressaltamos que a irmandade de São Bartolomeu data de 1851, mas ainda não sabemos se o início dos festejos se dá a partir daí ou antecede este período. Contudo, existiram outras irmandades: das Almas, do S. S. Sacramento, N. S. do Rosário dos Pretos, N. S. da Conceição, São Gonçalo do Amarante, cada uma realizando sua festa nos dias determinados.⁴ Como também a irmandade de N. S. da Boa Morte.⁵ Nesse sentido, as irmandades eram associações leigas que tinham por objetivo congregar certo número de fiéis em torno da devoção a um santo escolhido como padroeiro que a partir de um “compromisso” aprovado pelas autoridades eclesiásticas mantinha seu culto e promovia sua festa. Constituindo-se até o Brasil império os principais veículos do catolicismo popular, sendo relativamente autônomas, tanto em relação à hierarquia eclesiástica quanto ao poder do Estado, representaram com o processo de romanização uma barreira ao projeto da igreja.⁶

Os jornais até então pesquisados reforçam Maragogipe enquanto uma cidade exclusivamente católica, como uma positividade que merece ser insistida. [...] *Ir ao espetáculo do dia 24 é dar uma prova espontânea de ser cultor da doutrina de Christo.*⁷ [...] *Maragogipe, demonstração de catolicidade do Recôncavo.*⁸ Nesse ponto, podemos problematizar a festa de São Bartolomeu como palco onde se manifestavam expressões

³ Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia. IPAC-BA. Vol.III. **Monumentos e Sítios do Recôncavo, II parte.** Governo do Estado da Bahia. Secretaria da Indústria e Comércio. Salvador, 1982, 1º edição.

⁴ Arquivo Ultramarino de Lisboa. **Notícia sobre a Freguezia de S. Bartholomeu da Villa de Maragogipe, Recôncavo da Bahia.** Não está assignada nem datada. (Anexo ao n. 2662).

⁵ COSTA, Sebastião Heber Vieira. Maragogipe.pp. 55 a 64. **Das Memórias de Filhinha às litogravuras de Maragogipe.** Salvador: Faculdade 2 de Julho, 2007.

⁶ MATTOSO, Kátia de Queirós. “Catequese do Povo de Deus”. **Bahia no século XIX: uma província no Império.** Rio de Janeiro, 1992.

⁷ Jornal *Maragogipe* (Maragogipe-Ba). 11 de agosto de 1902

⁸ Jornal *A Situação* (Maragogipe-Ba). 14 de agosto de 1879.

da identidade maragojipana. Dessa forma, entendemos que os sistemas de identificação são construídos no interior das representações (se sabe o que significa ser maragojipano devido ao modo como é representado), sendo discursos que organizam nossas ações, tentam a homogeneização, camuflando a diversidade (econômica, social, política, cultural), arguindo: 1. quais os elementos simbólicos usados que buscam definir a identidade de Maragojipe, quando percebemos uma insistente repetição e valorização dessa “catolicidade”, sem incluir as contribuições africanas e indígenas à cultura local; 2. discutir como os sujeitos se apropriam da festa e reelaboram seu sentido, considerando que os atores sociais sempre participam da construção de uma realidade simbólica, de acordo com suas experiências, apropriando-se de práticas religiosas de maneira singular. Assim, a Igreja católica teve que aprender a conviver com outras religiões e distintas formas de religiosidade⁹, já que a história das práticas e doutrinas que permearam as relações sociais foi feita de uma mescla de gestos devocionais; 3. em que medida pode-se analisar a ocorrência paralela de manifestações periféricas ao culto católico-central, sugerindo a existência de uma multiplicidade de religiosidades, um cruzamento de sentidos e significações, evidenciando distintas formas de crer.

A partir da documentação utilizada, em diversos momentos percebemos a valorização de um catolicismo em Maragojipe, que obedecia às determinações ortodoxistas católicas que passaram a ser reforçadas a partir de 1860, com o processo de romanização da Igreja Católica. Enquanto instituição, esta se tornaria mais “católica romana” do que “nacional”, ou seja, o Vaticano procurou acentuar a “europeização”, visando corrigir os vestígios pagãos num país cujo cristianismo quase inexistia. Nesse contexto, a verdade era sempre católica e como tal a Igreja devia combater o “mundo dos erros”, ou seja, a romanização significou uma postura intransigente contra o “cristianismo moreno”, como afirmou Eduardo Hoonert.¹⁰ Com esta denominação, o autor queria fazer uma alusão à uma religiosidade cristã formada por diversas práticas populares que se distanciavam das propostas da Igreja. Com isso, além de cuidar da formação dos futuros padres, a Igreja desejava modificar a religiosidade dos leigos, e as festas de santos, impregnadas de características profanas e outras crenças, que deveriam ser “purificadas” e “controladas” pelas autoridades civis, clero e elite católica, os grandes reformadores empenhados na mudança dos costumes. Contudo, podemos

⁹ PRIORE, Mary Del. **Religião e Religiosidade no Brasil Colonial**. São Paulo. Ática, 1997.

¹⁰ HOONERT, Eduardo. **O Cristianismo Moreno no Brasil**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

pensar que a romanização não foi eficaz no controle e mudança das manifestações religiosas populares, pois estas sempre estiveram sujeitas à reelaboração, sem o controle direto da hierarquia eclesiástica. Dessa maneira, a romanização foi a tentativa da Igreja católica de se recolocar no campo religioso em mutação, redefinindo sua posição e papel na sociedade, a construção de uma racionalidade burocrática e intelectual por parte dos setores dirigentes da Igreja Católica.¹¹ Nesse contexto, a Igreja estabelecia-se pela unidade, uniformidade, mentalidade corporativa, objetivava ser a sociedade espiritual única, dando o cimento da unidade para a multiplicidade das sociedades, isto é, no momento em que as antigas estruturas “sólidas” estavam se desmanchando (desamparada do Estado, é imprescindível o reaparelhamento da burocracia administrativa como uma questão de sobrevivência da própria instituição eclesiástica), a Igreja reagia a esta fragmentação. Todavia, se por um lado a Igreja se mostra contrária a este novo contexto, por outro, se concebe muito bem dentro dele, pois caso contrário, ameaçaria a sua relevância no corpo social¹².

Nessa perspectiva, podemos compreender que em 1937, quando pela primeira vez a Rádio Sociedade da Bahia divulgou o programa da festa de São Bartolomeu¹³, significou a inserção de novos códigos na festividade, possibilitando também uma maior visibilidade do evento, enquanto uma possível tentativa de consagrar Maragogipe como a cidade de maior demonstração de fé católica do Recôncavo baiano, e assim tentar invalidar a existência de manifestações religiosas não-cristãs, principalmente paralelas ao evento oficial. Como também, significa um momento de ruptura com antigos hábitos para posturas mais “modernas”. Vestígios percebidos nos jornais locais a partir de então.

[...] Maragogipe, demonstração de catolicidade do Recôncavo.... pedindo ao povo para se preparar, afim de realizar uma festa modernizada no último dia das solenidades do mês de agosto deste ano, evitando-se, é lógico e razoável, com a presença dos lindos cordões, das filarmônicas, orquestras, grupos fantasiados,

¹¹ MATTOSO, Kátia Maria de Queirós. “Catequese do Povo de Deus”. **Bahia no século XIX: uma província no Império**. Rio de Janeiro, 1992

¹² SANTOS, Lyndon de Araújo. “A senda da civilização: Romanização e Protestantismo”. **As outras faces do sagrado: Protestantismo e cultura na primeira república brasileira**. São Luís: EDUFMA, São Paulo: ED. ABHR, 2006.

¹³ Jornal *Redenção* (Maragogipe-Ba). 17 de Julho de 1937.

curso de automóveis e etc, a extinta corrida de cavalos e burros, pelas ruas da cidade...¹⁴

[...] o excesso de vendedores ambulantes causa inconvenientes. É preciso fiscalização ativa. A cidade hospitaleira e civilizada não pode deixar...¹⁵

Evidenciamos também, que a música e a dança presentes no espaço da festa religiosa faziam parte de uma antiga tradição portuguesa, ligada à permanência de elementos pagãos no catolicismo da Península Ibérica¹⁶

[...]Há muitas dezenas de anos, para a arrojada e tradicional festa do Apóstolo São Bartolomeu, na cidade de Maragogipe, da qual é padroeiro o mencionado santo, inscrito no hemerológico católico a 24 de agosto, vinha sempre a filarmônica da vizinha cidade da povoação de Nagé, a qual chegava soltando foguetes, que era um desespero, e tendo á frente originalíssimo baliza: uma creoula integral, meia-noite e trinta grande e gorda como uma baleia, completamente de negro, metida num veste talar... pois, senhores, era um padre!... Padre Onofre de tal, enfiado na batina. O reverendo vinha eclipsando a afamada preta. É exato!..O tonsurado balisa dava tanto pinote num minuto, que o diabo não contaria em uma hora¹⁷.

Bem como, as elaboradas manifestações externas da fé: missas celebradas por dezenas de padres, acompanhadas por corais e orquestras, em templos cuja abundante decoração era uma festa para os olhos e procissões cheias de alegorias, como podemos observar no trecho extraído de um jornal de Maragogipe:

[...]Às 5 horas da manhã do magno dia 24, o festivo toque da alvorada, como bimbalar dos sinos da nossa Matriz e o estingir dos rojões e foguetes, acordou a cidade para as suas grandes e santas alegrias. No majestoso templo, ornamentado com gosto e arte, foram celebradas as primeiras missa, ás 6 e 7 horas, com grande número de comunhões... na segunda-feira, á tarde, realizou-se

¹⁴ Jornal *Redenção* (Maragogipe-Bahia). 20 de agosto de 1937.

¹⁵ Jornal *Pétala* (Maragogipe-Bahia). 13 de julho de 1927.

¹⁶ MATTOSO, Kátia Maria de Queirós. “Catequese do Povo de Deus”. **Bahia no século XIX: uma província no Império**. Rio de Janeiro, 1992

¹⁷ SANTOS, João Silva. “Tradições baianas”. In: **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, nº 56, parte II, p. 425.

com pompa triunfal, primando pelo modo elogiável com que foi organizada, a imponente procissão, podendo se computar sem exagero, montante a cinco mil o número de fiéis que formavam o acompanhamento...¹⁸

A intercessão do santo será mais eficaz quanto maior for a capacidade de indivíduos se unirem para homenageá-lo. Assim, o devoto deve fortalecê-lo com festas em seu louvor, representando um ritual de intercâmbio de energias entre homens e patronos. Uma religiosidade impregnada de profunda devoção, porém venerada de maneira diferente, conforme os locais em que residiam os crentes e a distância que os separava da hierarquia eclesial. Esse comportamento religioso, centrado na devoção aos santos, e numa relação com eles simultaneamente individual, familiar, coletiva e supersticiosa, formava a religião do povo, que se exprimia sob o controle da igreja hierárquica.

Dessa maneira, o objetivo fundamental da história é reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e discursos, colocando no centro do trabalho histórico as relações complexas e variáveis, atentando para as modalidades de apropriação, aos processos de construção dos sentidos, e a articulação entre práticas e representações, ou seja, dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações, construindo para cada grupo um “ ser percebido”, constitutivo de sua identidade.

[...] Na segunda-feira, 27, o entusiasmo christão do nosso povo excedeu a expectativa, elevando-se ao auge a fé da santa religião do meigo Jesus, quando a imagem do nosso querido patrono S. Bartholomeu, saiu em rica charola a percorrer as nossas urbs acompanhada por um préstito superior a cinco mil pessoas.¹⁹

Pretendemos desenvolver um trabalho que se inscreve no campo de abordagem sócio-cultural, ou seja, no entendimento dos valores culturais próprios de certos grupos que compõem a sociedade. O referencial teórico de Roger Chartier, apoiado no conceito de representação, inspira a perspectiva que temos a pretensão de assumir. Para ele, a representação denota formas idealizadas de percepção do mundo, expondo os atores

¹⁸ Jornal *Eco* (Maragogipe-Bahia) 3 de agosto de 1903.

¹⁹ Jornal *Nova Era* (Maragogipe-Bahia). 2 de agosto de 1898.

sociais naquilo que imaginam ou desejam ser. O conceito expressa e articula dentro de si uma idéia de elaboração mental e realidade pelos grupos sociais e formas de significação simbólica de situar-se no mundo. Também nos remete a discursos e práticas que se coadunam a fim de estruturar modos de apreensão das coisas e da vida.²⁰ E é assim que iremos desenvolver nosso estudo: aproximando-se do conjunto de significações elaboradas pelos agentes histórico-sociais localizados na cidade de Maragogipe durante o processo de romanização em torno do problema da identidade. Nesse sentido, Roger Chartier entende cultura como prática e sugere as categorias de apropriação e representação para estudá-la. Para ele, anulas as diferenças obscurece a existência de lutas e conflitos.

Nesse sentido, percebemos que a idéia de cultura sempre implica uma idéia de tradição, mas esta não persiste por inércia, e necessita de um contraponto: a noção de recepção, pois a característica essencial da transmissão cultural é que tudo que se transmite muda, e assim enfatiza não a transmissão, mas a apropriação, sendo que esta decorre das experiências compartilhadas nas relações sociais. Nesse sentido, a ênfase transferiu-se do doador para o receptor, com base em que tudo que é recebido sempre é diferente de tudo que foi originalmente transmitido, acontece uma “viagem circular”, porque os receptores conscientes ou não, interpretam e adaptam as idéias, valores e tudo que lhes é transmitido, criando novas formalizações. Assim, como sugere Peter Burke, “a história de todas as culturas é a história do empréstimo cultural”, ou seja, o processo de assimilação e apropriação são essenciais.²¹

Para tanto, as fontes que devemos trabalhar serão bastante diversificadas, compondo-se de jornais, discursos políticos registrados em atas e documentação eclesiástica. Temos tais documentos como importantes veículos de expressão dos interesses das elites sociais, políticas e intelectuais baianas. Nas entrelinhas dos discursos oficiais, podemos encontrar subsídios para entender como os sujeitos comuns de Maragogipe, enfrentavam no cotidiano situações de extrema dificuldade e incerteza, apresentando as mais variadas maneiras de lidar com questões da identidade. E, para tanto, os autos cíveis e crimes também nos permite visualizar conflitos na sociedade local.

²⁰ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

²¹ BURKE, Peter. Unidade e Variedade da História Cultural. pp.231-267. In: **Variedades de História Cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Os jornais se constituirão em um dos principais mananciais da pesquisa, onde extraímos alguns trechos documentais apresentados nesse projeto. Em geral, oferecem uma visão de “cima”, em que as atividades populares dificilmente são visíveis. Contudo, por retratarem os fatos do cotidiano, com certeza, nos proporcionarão preciosas informações. Os jornais selecionados, na sua maioria, tiveram grande relevância na história da imprensa de Maragogipe e região, sendo que alguns mantiveram uma longa existência. As informações encontradas nos jornais, referentes à festa de São Bartolomeu em Maragogipe, tentam de maneira insistente reforçar a cidade como exclusivamente católica e assim, colabora para a construção da identidade do “ser maragogipano” [...] *festa que inunda nossas almas de fiéis servos da religião católica...*²² [...] *Todos nos deixamos arrebatados, alegres e felizes, na onda invencível da fé, na força impiedosa e na consagração do espírito de catolicidade que herdamos dos nossos maiores e que fazemos timbre de honra em conservar e zelar como patrimônio sagrado da família...*²³ [...] *sob pena de sermos renegados...*²⁴

Percebemos que os jornais trazem informações da parte religiosa da festa, enfocando missa e procissão, ocultando as manifestações em que apesar de serem organizadas pela Igreja, os populares são os protagonistas. Nesse sentido, nos referimos à lavagem de rua, sempre relacionada à práticas não apreciadas, comportamentos intoleráveis, sendo [...] *o espaço da desordem moral, onde se valoriza o baixo corporal, ambientes propícios para obscenidades...*²⁵ [...] *é um pandemônio, as batucadas nas barracas, que reuniam indivíduos de conduta duvidosa e o proferimento de palavras obscenas...*²⁶ [...] *tais barbaridades fogem de nossa sensibilidade de cristãos...*²⁷

Por outro lado, os autos cíveis revelam o cotidiano da cidade e os conflitos existentes, envolvendo desde as pessoas comuns até autoridades municipais.

As atas de reuniões extraordinárias da Câmara de Vereadores de Maragogipe possibilitam uma visualização do contexto da cidade no século XIX, pois discutem questões econômicas, sociais, políticas. Também nos permitirão acompanhar algumas discussões na esfera do poder, pois tratam da elaboração de medidas de controle em

²² Jornal *A Epocha* (Maragogipe-Bahia).16 de agosto de 1903.

²³ Jornal *Maragogipe* (Maragogipe-Bahia). 14 de agosto de 1901.

²⁴ Jornal *A Situação* (Maragogipe-Bahia).7 de agosto de 1881

²⁵ Jornal *O Prelio* (Maragogipe-Bahia) 11 de agosto de 1920.

²⁶ Jornal *Eco* (Maragogipe-Bahia) 7 de agosto de 1932.

²⁷ Jornal *A Situação* (Maragogipe-Bahia)18 de agosto de 1879.

âmbito municipal. Através delas observaremos quais as intenções se formulavam e quais ações se implementavam, revelando o posicionamento das autoridades locais.

A análise combinada de jornais, autos cíveis, documentação eclesiástica e debates parlamentares que se debruçaram sobre a festa de São Bartolomeu, torna possível abrir uma gama de possibilidades interpretativas. Desta forma, objetivamos investigar o que estava em torno da temática da festa como o palco onde se manifestavam expressões da construção da identidade de Maragogipe, considerando a existência de formas distintas de crer.

ACERVO DE OSVALDO SÁ (Maragogipe-Ba)

Jornal *Maragogipe* (Maragogipe-Ba). 11 de agosto de 1902

Jornal *A Situação* (Maragogipe-Ba). 14 de agosto de 1879.

Jornal *Eco* (Maragogipe-Bahia) 3 de agosto de 1903.

Jornal *Nova Era* (Maragogipe-Bahia). 2 de agosto de 1898.

Jornal *A Epocha* (Maragogipe-Bahia). 16 de agosto de 1903.

Jornal *Maragogipe* (Maragogipe-Bahia). 14 de agosto de 1901.

Jornal *A Situação* (Maragogipe-Bahia). 7 de agosto de 1881

Jornal *O Prelio* (Maragogipe-Bahia) 11 de agosto de 1920.

Jornal *Eco* (Maragogipe-Bahia) 7 de agosto de 1932.

Jornal *A Situação* (Maragogipe-Bahia) 18 de agosto de 1879

Jornal *A Pétala* (Maragogipe-Bahia). 13 de julho de 1927.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA (IGHBA)

Biblioteca:

Jornal *Redempção* (Maragogipe-Bahia). 20 de agosto de 1937.

Jornal *Redempção* (Maragogipe-Ba). 17 de Julho de 1937.

SANTOS, João Silva. “Tradições baianas”. In: **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, nº 56, parte II, p. 425.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL (IPAC)

Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia. IPAC-BA. Vol.III. **Monumentos e Sítios do Recôncavo, II parte**. Governo do Estado da Bahia. Secretaria da Indústria e Comércio. Salvador, 1982, 1º edição.

Referências Bibliográficas:

1. BURKE, Peter. Unidade e Variedade da História Cultural.pp.231-267. In: **Variedades de História Cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
2. CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
3. COSTA, Sebastião Heber Vieira. Maragogipe.pp. 55 a 64. **Das Memórias de Filhinha às litogravuras de Maragogipe**. Salvador: Faculdade 2 de Julho, 2007.
4. CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras f (e)stas**.Campinas, São Paulo Editora da Unicamp, CECULT, 2002.
5. HOONAERT, Eduardo. **O Cristianismo Moreno no Brasil**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1990
6. MATTOSO, Kátia de Queirós. **Bahia no século XIX: uma Província no Império**. Rio de Janeiro, 1992.
7. PRIORE, Mary Del. **Religião e Religiosidade no Brasil Colonial**. São Paulo. Ática, 1997.
8. SANTOS, Lyndon de Araújo. “A senda da civilização: romanização e protestantismo”. In: **As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira**. São Luís: EDUFMA; São Paulo: Ed:ABHR, 2006.